



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a 36ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República: Celebração dos oito anos de funcionamento do CDES

Palácio do Planalto, 02 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

Companheiras e companheiros integrantes do Conselho,

Ministros Alexandre Padilha; Carlos Eduardo Lima, da Casa Civil; Guido Mantega, da Fazenda; Wagner Rossi, da Agricultura; Fernando Haddad, da Educação; Juca Ferreira, da Cultura; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; Luís Inácio Adams, da Advocacia-Geral da União; Eloi Ferreira de Araújo, da Igualdade Racial; Altemir Gregolin, da Pesca e Aquicultura; e Pedro Brito, dos Portos.

Companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,

Companheiro Walfrido dos Mares Guia,

Companheiros conselheiros, companheiras,

Eu fico imaginando a primeira reunião que nós fizemos, deste Conselho. Eu lembro que houve uma certa ciúmeira, Maia, do Congresso Nacional, que achava que a criação do Conselho seria a criação de uma instância paralela para diminuir o poder do Congresso Nacional, que nós queríamos ter a experiência do exercício de uma democracia direta e não valorizar a democracia participativa.

Hoje é fácil falar isso, e as pessoas compreendem o que aconteceu. Mas naquele momento a gente levou muito tempo para convencer alguns deputados e senadores de que o Conselho não era uma área de conflito e não era para



conflitar com o Congresso Nacional, era para orientar o governo e para tornar o debate mais plural. Que nós pudéssemos envolver os segmentos da sociedade que não estavam nem no governo e nem no Congresso Nacional, para debater temas importantes que não dependem só do Congresso ou do governo.

Eu penso que, terminados esses oito anos, não existe um só congressista ou alguém do governo que não seja obrigado a reconhecer o trabalho importante que o Conselho fez para o presidente da República, para o governo e para o Brasil.

Aqui não houve temas proibidos, aqui não houve discursos censurados, aqui ninguém discutia previamente o que cada um tinha que falar. Cada um se inscrevia, falava o que queria, ouvia o que não queria. Alguns que começaram, no primeiro momento, a sentar nesta Plenária do Conselho como inimigos de classe, passaram a ser companheiros do Conselho. Alguns que entendiam que era incompreensível sentar do lado de um representante dos Sem Terra, ou alguém que entendia que não era possível sentar ao lado de um banqueiro, de repente todo mundo estava convencido de que além das diferenças, eram todos brasileiros.

Essa evolução, ela permeou, praticamente, toda a existência do nosso Conselho, nesses oito anos. Alguns desistiram no meio do caminho, outros começaram e estão até hoje no Conselho. Mas a verdade nua e crua é que nunca antes na história do Brasil membros da sociedade foram chamados para participar da definição de políticas públicas de um governo, como no nosso governo.

Certamente, ainda temos todas as deficiências que a Humanidade permite que tenhamos. Mas, certamente, este Conselho, o seu comportamento e a sua produção, e o aprendizado daqueles que passaram não apenas como conselheiros, mas como ministros responsáveis, certamente constituirão um novo paradigma para o funcionamento de um novo Conselho, no próximo período.



O dado concreto é que na escada da democracia a gente não pode descartar nenhum dos degraus que nós já ultrapassamos. Cada degrau é uma conquista que tem que ser soldada, que tem que ser carimbada para que faça parte da história, porque tudo que a gente abandona, tudo que a gente não valoriza, nas nossas conquistas, termina se voltando contra nós.

Então, em primeiro lugar, os meus agradecimentos a cada um dos companheiros, a cada uma das companheiras que participaram. Eu serei testemunha, até o último dia da minha vida, da importância que vocês tiveram para os oito anos do meu mandato. Essa é a primeira coisa.

A segunda coisa é que nós vamos entregar para a futura presidenta deste país um Brasil que certamente nem eu, nem nenhum de vocês imaginava que nós seríamos capazes de entregar oito anos depois. Eu, hoje, posso dizer para vocês: nenhum de nós acreditava que nós pudéssemos chegar, no dia de hoje, na situação em que nós estamos. Na área econômica, então, companheiro Guido, você que sempre foi um dos mais otimistas... na área econômica, chegava dia em que eu tinha medo de concorrer às eleições, porque o Brasil estava tão quebrado, tão desmoralizado, a cada reunião que eu participava os números do Brasil eram tão negativos, que eu me perguntava: esse pessoal que quer que eu seja candidato são meus inimigos. Como é que querem que eu seja presidente de um país que não tem conserto? Porque era assim que era vendido o Brasil, era assim. Eu mesmo cansei de viajar - enquanto dirigente sindical, enquanto membro de oposição - para o exterior para falar da miséria deste país. Nós, na verdade, não tínhamos dimensão de que uma nação, ela não é grande pelo que os outros pensam dela, ela é grande pelo que nós pensamos dela, ela é grande pelo que nós queremos que ela seja.

E, quando... Nós estamos terminando o mandato e eu fico vendo a situação que nós estamos vivendo, companheiro Guido, eu fico imaginando que, quem sabe, foi bom que nós fôssemos pessimistas, um tempo, para que a



gente entrasse no governo e a gente resolvesse enfrentar desafios que nem nós mesmos imaginávamos que estávamos preparados para enfrentar. Eu, muita vezes, imaginava que, se eu pudesse, eu queria entrar na cabeça de alguns de vocês em 2003 e 2004, porque às vezes eu ficava daqui falando com vocês e eu ficava pensando: esses caras não estão acreditando, esses caras estão achando que vai ser um fracasso. Então, se vocês saíssem de uma reunião do Conselho e lessem, então, os editoriais de alguns jornais, seria desastroso. Vocês, então, não sei quantas vezes vocês pensaram...

Eu vou contar uma coisa, porque agora eu estou no final do mandato, eu posso contar: quando nós fizemos este Conselho, na primeira reunião houve uma reunião paralela de vários membros do Conselho para discutir lá fora o que trazer para dentro, com medo de que o Conselho fosse uma coisa a ser manipulada por nós, tal eram as incertezas que nós tínhamos.

Bem, oito anos depois, o que a gente está vendo, como milagre? Eu tenho como advogado-geral da União um cara que se chama Luís Inácio Adams, e eu tento dizer que não é meu parente - e não é - porque ele é filho de alemão, não tem nada a ver com Garanhuns. Como é que pode ter um alemão com o nome Luís Inácio?

Oito anos depois, a gente pega o jornal Valor e vê que as economias de capital aberto, Guido, nunca ganharam tanto dinheiro na história do Brasil, como ganharam no meu governo. A gente conversa com os empresários das construtoras brasileiras, a gente conversa com os empresários do setor imobiliário, e eles nunca ganharam tanto dinheiro, nunca tiveram tanto trabalho, nunca tiveram tanta falta de mão de obra, nunca tiveram tanta encomenda como eles têm hoje. Alguns se dão ao luxo de não querer pegar mais encomenda pequena, é um trabalho... Nem participaram do TAV, não é, Marcelo? Nem participaram do TAV.

Bem, então, isso eu acho que é resultado de um momento econômico internacional e nacional, mas é momento também de um clima de euforia



interna que cada um de nós tem. Os acertos na tomada de medidas econômicas, em momentos em que precisava ser mais duro, como no começo do governo, com o Palocci; no momento em que precisou ser mais desenvolvimentista como agora, com o companheiro Guido, em que foi preciso, no enfrentamento da crise, que não se trancou com um técnico da universidade dele para discutir a crise, mas chamou vocês, criando uma espécie de conselho de crise, de comitê de crise para discutir semanalmente as medidas que tinham que ser tomadas. Porque neste governo nós aprendemos o quanto é bom a gente ouvir, o quanto é bom a gente saber o que pensam aqueles que serão vítimas ou beneficiários das políticas que nós publicamos. Eu não sei, Guido, se você vai passar para a história como um dos poucos ministros da Fazenda que não vai deixar esqueleto para o seu sucessor porque você mesmo me parece que será o sucessor, mas nós... Se você tiver algum, ainda tem 30 dias para você tentar desmontar e não ficar com o esqueleto.

Mas nós descobrimos uma coisa, gente. Eu lembro como se fosse hoje: 1989, 1989... não, não era 1989. Eu era candidato a presidente ainda na substituição do Sarney; o Maílson da Nóbrega era o ministro da Fazenda. Eu lembro que eu saí do Peru e eu fui para o Chile; quando eu cheguei ao Chile, o Maílson da Nóbrega tinha anunciado o Plano Verão, e nós achamos que aquilo era uma catástrofe. Nós saímos do Chile... Nós nem tínhamos nos hospedado direito, teve gente que saiu com a mala aberta, enfiando a cueca dentro da mala, porque a gente achava que tinha que estar no Brasil naquela história do Plano Verão. Nós íamos para a Argentina e nem fomos para a Argentina. Hoje, nós estamos pagando esqueletos daqueles planos, estamos pagando esqueletos de vários planos, porque havia um hábito de tratar a economia como se fosse uma questão de mágica. Ou seja, um cidadão inventava que ele tinha uma tese e, essa tese, ele tentava anunciar um pacote sempre como se fosse uma coisa clandestina, e depois não dava resultado, e ninguém assumia a culpabilidade pelos erros. O ministro caía, o país ficava com o prejuízo,



entrava outro ministro. Daqui a seis meses, fazia outro plano, caía, ficava com o prejuízo, entrava outro ministro, era uma coisa maluca.

Quando a gente começou a dizer que não haveria mágica em política econômica, em política econômica, a gente iria trabalhar com seriedade e com previsibilidade, todo mundo iria saber o que tinha que acontecer neste país, porque não era nosso o país. O país era de 190 milhões de brasileiros, e nós não tínhamos o direito de acharmos que somente nós é que entendíamos das coisas. Eu acho que esse foi o milagre deste país, foi a gente, em vez de governar, a gente cuidar; em vez de tratarmos a sociedade como se nós, por ser governo, soubéssemos de tudo, ouvir o que as pessoas tinham para dizer para nós - e vocês estão percebendo que eu vou sair do governo com a orelha mais caída, de tanto ouvir, de tanto ouvir. Esse menino da UNE deveria ter tido a coragem de dizer aqui que nós atendemos a pauta de reivindicações da UNE toda, Lúcia, e vocês vão ter que, agora, passar uns meses fazendo uma nova pauta, porque nós atendemos todas as reivindicações da UNE, todas, sem distinção, coisa que eles passaram décadas e décadas apanhando e não tinha nenhuma reivindicação atendida. A última, Lúcia, nós ainda vamos fazer agora, que vai ser o começo da construção da sede da UNE, que nós garantimos os 42 milhões para poder construir o projeto da sede da UNE. Não tente dar para a Odebrecht, para a Camargo Corrêa, para a Andrade, que eu acho que eles vão ter que ter muito trabalho e não vão pegar. Tente arrumar uma outra empresa menor, lá pelo Rio de Janeiro mesmo, para fazer.

Pois bem, Guido, você... Eu estive em Belém, eu estive em Tucuruí, inaugurando, Gerdau, finalmente eu fui inaugurar a eclusa do Tucuruí, depois de 29 anos de espera. Finalmente! Finalmente eu pude ir fechar a primeira comporta da hidrelétrica de Estreito, coisa que eu estou tentando ir há quatro anos e cada vez que eu ia lá, Feijoó, o pessoal do MAB fazia um protesto e eu, para evitar, Artur, qualquer briga com o MAB, eu não ia. Desta vez eu fui e quem estava lá, junto com os empresários? O MAB. Porque nós fizemos um



decreto regulando o que é um atingido por barragem.

Eu fui, com o companheiro Luiz Dulci, a São Paulo, fazer um acordo entre os cortadores de cana, os trabalhadores e os empresários de humanização do trabalho no corte de cana, em que você garante a cidadania para as pessoas. E eles não queriam muito, eles queriam água gelada, comida quente e um banheiro para poder ir, e um ônibus para ir embora. E os empresários entenderam que aquilo fazia parte da modernidade que eles precisam, para poder colocar os seus produtos no mercado internacional. Então, aquilo que parecia ser impossível estava acontecendo, sem dor e sem sofrimento, apenas com muita paciência.

Vocês, companheiros... e eu disse para a companheira Dilma, lá em Tucuruí, ela, ela... Tem um governante que toma posse e recebe uma herança maldita. Aliás, a herança maldita foi dita pelo primeiro discurso do Palocci, depois que eu tomei posse, na transição ainda, na apresentação do resultado da transição. O Obama recebeu uma herança maldita impagável, que foi a crise do *subprime*. A Dilma não vai receber herança maldita, até porque se ela receber, ela tem parte na construção da herança maldita. Mas, eu estava dizendo para a Dilma, ela vai receber um Brasil que eu acho que poucos presidentes tiveram o privilégio de receber o Brasil. Ela vai receber o Brasil em um momento em que, de todas as hidrelétricas em construção no mundo, as três maiores estão sendo construídas no Brasil. Das [hidrelétricas] que estão em construção - Santo Antônio, Jirau e Belo Monte - são as maiores em atividade no mundo. Ela deve pegar um país, Guido, possivelmente, com as três maiores ferrovias em construção no mundo estarem acontecendo exatamente no Brasil, seja a Oeste-Leste, que eu pretendo anunciar na Bahia, acho que dia 14 [de dezembro], seja a Transnordestina, que eu espero Benjamin, que esteja andando a todo vapor, e seja a Norte-Sul, que nós vamos entregar o trecho até Anápolis e vamos anunciar o trecho até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para ligar definitivamente o Porto de Itaqui ao Porto de Santos. Mais ainda, vocês



vão herdar um país em que a gente tem o maior investimento da indústria petrolífera da história sendo feito neste país, e, aliás, Maia, meus agradecimentos porque ontem a Câmara aprovou o modelo de partilha, que é uma coisa que nós entendemos que seja a melhor forma para este país ser dono da sua riqueza e dela fazer a compensação dos desmandos que nós tivemos durante todo o século XX e em outros momentos da nossa história. Então, nós vamos pegar um país em que o desenvolvimento regional está consolidado.

Tânia Bacelar, você que é uma mulher que, como ninguém, passou a sua vida fazendo palestras e defendendo o desenvolvimento regional, o que vai significar o canal do São Francisco para o desenvolvimento do semi-árido deste país? E eu queria pedir a vocês, companheiros Conselheiros, pedir a vocês - eu sei que vocês, agora nas férias, um vai para a Europa, o outro vai para Miami, porque os netos querem ir para Miami, outro vai não sei para onde - por favor, façam um passeio no canal do São Francisco, façam um passeio, vão conhecer um canal de 642 quilômetros, que pode ser a redenção para uma região e para 12 milhões de homens e mulheres que moram em uma região e que a vida inteira ouviram que não tinha jeito, e que agora eles poderão ter jeito.

Ou se vocês pudessem conhecer o milagre do microcrédito neste país. Porque eu viajo com o Guido, com o Meirelles, com outros companheiros, a gente fala muito de macroeconomia, macroeconomia, macroeconomia, os números são todos gigantescos e... Acontece que os números da microeconomia viraram gigantescos, não é mais a política do favor. Porque antigamente, como é que acontecia no Brasil? Um governo ganhava as eleições – mesmo em um estado – um governo conservador, um homem de perfil ideológico de direita, ele ganhava as eleições no estado, ele pegava a secretaria do Trabalho e dava para os trabalhadores, mas não dava dinheiro, e a Fazenda ele dava para os adversários. Ou seja, nós aprendemos que nem



tanto a terra, nem tanto o céu, de que é melhor que a gente coloque na Fazenda alguém que tenha o mínimo de compromisso com o outro lado, para que as políticas sejam feitas não de forma compensatória, mas também pensada dentro do modelo de desenvolvimento.

Eu acho que a companheira Dilma Rousseff, ela tem todas as possibilidades de fazer mais e de aprimorar e fazer coisas novas e extraordinárias. Ela tem tudo para fazer e para surpreender muita gente. Até porque o preconceito levantado contra ela foi uma coisa que eu pensei que não existia mais no Brasil. E, hoje, eu descobri que o preconceito é a mais grave das doenças que toma conta da cabeça de um ser humano. Não é câncer, não é hanseníase, não é nada, é o preconceito. Porque a pessoa pode não morrer, mas a pessoa preconceituosa vive morta por dentro, é como se fosse um zumbi, está sempre de mal com a vida, está sempre torcendo para que as coisas não deem certo. E eu acho que essa é uma coisa que nós vamos ter que trabalhar muito, para tornar o Brasil uma sociedade menos preconceituosa. E eu acho que a Dilma é uma chance extraordinária de consolidar, se não o fim do preconceito, diminuí-lo muito na nossa sociedade.

Então, meus queridos companheiros e companheiras, do fundo do meu coração, eu sou só agradecimentos a vocês. Se tem um ser humano que tem que agradecer, sou eu, pelo carinho, pela lealdade, pelo companheirismo, pelas divergências feitas da forma mais sadia e democrática possível, e pedir para vocês que... Nós ainda estamos apenas no começo da construção de um processo de desenvolvimento do país. Tem muita coisa para ser feita, mas o que nós estamos deixando de legado é que nós descobrimos que é possível, é possível. Eu fico pensando: a companheira Tânia, ela, faz oito anos que ela não ouve mais falar nas frentes de trabalho, oito anos. O que era a frente de trabalho? Era um instrumento que era utilizado para tirar pó e pedra de um lugar e colocar no outro enquanto a seca permeava o Nordeste, para pagar R\$ 30,00 por mês. Quando terminava a frente de trabalho, o resultado era zero,



porque não tinha deixado absolutamente nada. Aí, só ia se lembrar da frente de trabalho quando viesse outra seca. Nunca mais nós ouvimos falar.

O Nordeste e o Norte do Brasil, que tinham apenas 1,3% de doutores e mestres, já estão quase com 10% de doutores. É pouco, porque nós não queremos tirar nenhuma conquista da parte do Brasil que já atingiu um nível melhor, o que nós queremos é levar ao lado que ainda não teve a oportunidade de se igualar à parte mais desenvolvida deste país.

Eu penso que é isso que vocês fizeram acontecer no Brasil. Nenhum de vocês... E, sobretudo, eu quero agradecer àqueles companheiros que eram do Conselho, que, no auge da crise de 2005, em que, eu nunca disse isso, mas naquela tentativa de golpe que se tentou dar no Brasil, vocês permaneceram no Conselho, vocês não desistiram do Conselho, você não misturaram o trabalho que vocês estavam fazendo para o Brasil com a vinculação com o governo. Vocês conseguiram separar, e isso foi extremamente importante para mim, que era o presidente da República, mas, sobretudo, para o país, porque vocês eram o lado sereno da sociedade, que não se permitia enganar com determinado tipo de discurso.

Eu acho que nós fizemos a travessia extraordinária. Acho que ninguém nunca está feliz, porque todo mundo quer mais. Essa é a coisa saudável da democracia: é que quanto mais a gente pensa que a gente está atendendo, mais as pessoas querem mais, e quanto mais você atende...

Esses dias, eu peguei um empresário que veio reclamar de um negócio aí, ele falou para mim: "Ô Presidente, eu tinha 22 mil trabalhadores, estou com 77 mil trabalhadores". E eu disse: "E está reclamando do quê, cara-pálida, está reclamando do quê?" Até o Toninho Trevisan está rindo à toa, você viu?

Então, companheiros, olhem, do coração... O Banco do Brasil já não é mais aquele banco que só aparecia com déficit nos jornais. A Caixa Econômica não é mais aquele banco que estava sempre para quebrar. O BNDES não é mais aquele banco de desenvolvimento que de desenvolvimento não tinha



nada e de social muito menos, e hoje ele tem de desenvolvimento e tem social.

Então, eu acho que vocês ajudaram a fazer este país ser o que é hoje. Nós ainda não vamos deixar uma contribuição para a Dilma que eu queria deixar e não vai ser possível fazer, que é tentar melhorar o marco regulatório de muita coisa neste país. Tem muita coisa que a demora é tanta que é não é explicável, tem muita coisa. Hoje nós temos várias indústrias que nem são indústrias, que dificultam a vida de um governo. E eu vou poder falar muito mais à vontade disso quando eu não for governo, porque senão vão dizer que eu estou choramingando.

Mas vocês não têm dimensão de como é difícil fazer as coisas acontecerem neste país. Se alguém sentar naquela cadeira de presidente e permitir que a normalidade toque a vida, termina o mandato sem inaugurar uma única obra. O Wagner começou dizendo uma coisa que, se eu sair daqui e for dar uma palestra em Nova Iorque, na Bolsa de Valores, e o cara perguntar: “Lula, por que o Brasil deu certo? Qual é o melhor jeito de governar?” Eu vou dizer: “Façam apenas o óbvio”. Tudo que você tentar fazer diferente será problemático. O óbvio é simples, todo mundo sabe que tem que ser feito, mas nem todo mundo quer fazer. Eu acho que esse é o sucesso do Brasil que vocês me ajudaram a construir e do Brasil que vocês vão, no dia 1º de janeiro, entregar para a futura presidenta da República.

Muito obrigado por tudo, e até outro dia, se Deus permitir.

(\$211 A)